

Individuação – A Longa Jornada da Alma

Geraldo Araújo¹
Maio/2016

Individuação é um dos principais conceitos da abordagem junguiana. Trata-se de um processo no qual o sujeito está inserido que proporciona a ampliação da consciência para o além do aceito e conhecido sobre si, possibilitando a descoberta e o diálogo com aspectos internos (inconscientes) que se encontram exilados da experiência da vida cordata.

Essa caminhada busca desvendar uma meta, um sentido para a vida, o mito pessoal de cada um que jaz escondido nas profundezas do desconhecido – inconsciente. Com ênfase, a jornada que somente aquela alma (aquele indivíduo) pode realizar, considerando-se todas as particularidades de sua personalidade – da totalidade de sua configuração psíquica.

Não se deve confundir individuação com individualismo. A individuação está a serviço da alma, por vezes se distanciando dos valores coletivos, porém sem ignorá-los. O individualismo, por sua vez, tem ambição egoica e/ou de poder e repele os valores grupais e coletivos, via de regra.

Muitas vezes, o indivíduo que adere de “bom grado” à sua individuação passa a incorporar o servir ao coletivo como forma de devolver à vida o que ela lhe trouxe nessa caminhada.

Quando me refiro a aderir de “bom grado”, quero dizer que estar mais disponível para o processo pode ampliar a capacidade de apreensão do porvir que reveste a vida. Pois ela (a vida) acontece e acontecerá sem ou com a concordância do sujeito; o que muda é a forma como é acolhida a diversidade do que ocorre na jornada – principalmente das noites escuras que invadem o dia e contrariam a lógica e o desejo do Ego.

Destaco três requisitos essenciais que marcam o processo de individuação, aderido voluntariamente ou não. De forma alguma pretendo afirmar que são os únicos ou colocá-los em níveis de priorização. Não são criações ou passo a passo (receita de bolo), somente frutos de observações, discussões, leituras e muita reflexão sobre essa temática. Essas pré-condições são transgressão; sacrifício; e redenção.

¹ Psicoterapeuta Junguiano – CRT 45.148 – Pós-graduação em Psicologia Junguiana (Facis); e Dependências, Abusos e Compulsões (Ijep). e-mail: geraldobalbuena64@gmail.com ; www.temenos.com.br

A transgressão é necessária para romper com algumas verdades absolutas que são respiradas desde o nascimento (ou antes), com regras que perpetuam um caminhar automatizado pela vida (sem reflexão). Podem ser coletivas, cumpridas para atender a uma adaptação externa mais serena, em princípio; ou individuais, que buscam satisfazer demandas subjetivas, muitas vezes internas, inconscientes, oriundas de complexos que insistem em confundir o dito “livre arbítrio”.

A submissão a essas regras é tão passiva que o próprio refletir sobre pode ser o início do movimento de transgressão. Esses axiomas, externos ou internos, colocam o sujeito em uma zona de conforto – seja ela boa ou não: muitos de nós preferimos uma dor conhecida a uma desconhecida!

Esse pensar que, invariavelmente, atrai a angústia é uma reflexão da alma, não só da razão. A transgressão, para fins do processo de individuação, somente será efetiva se em conformidade com a alma, legitimada pela alma. Não pode ser apenas um capricho egocêntrico.

Muitas vezes, a transgressão regida pela alma pode representar, na vida cotidiana, um rompimento com uma crença religiosa, ou um reposicionamento moral, político ou social, ou com um jeito de vestir (simples assim).

Por exemplo, quando Prometeu rouba o fogo dos deuses, no mito grego, está cometendo uma transgressão. Existe uma metáfora de roubar a luz divina para “clarear” a vida humana (ampliação da consciência) – há de se pagar um preço para isso.

Assim que há a transgressão, o indivíduo sai de uma zona confortável, aceita pela coletividade, geralmente, e embarca numa viagem para algo incognoscível que pode trazer encontros e/ou confrontos com aspectos seus totalmente desconhecidos até então.

Sem colocar as questões em uma ordem causal, mas com o intuito de deixar o texto mais compreensível, pode-se inferir que quando há a transgressão, algo perde espaço para algo ocupar esse espaço – a vida busca a “homeostase”, na grande maioria das vezes, de maneira não linear. Esse algo que perde espaço pode ser a oferenda em sacrifício.

A descoberta de que o saber e o controlar são (muito) parciais desconstroem a segurança da zona de conforto – sacrifício – e trazem a reflexão e, conseqüentemente, a angústia, pois as respostas estão além dos ditames da razão.

Existe um preço (sacrifício) a ser pago, pois alma não aceita uma vida medíocre, principalmente quando ela enxerga a possibilidade de uma existência única, possibilidade de viver a sua missão.

No dia-a-dia, constata-se o sacrifício com a “perda” de emprego, da estabilidade, de relacionamentos, da saúde, mudança de cidade, país etc. Quebra de situações que de alguma forma corroboravam para uma vida unilateralizada, sem sentido, sem ligação com o mito pessoal.

O último quesito, talvez o mais difícil de ser alcançado, é a redenção, principalmente pelas limitações do Ego heroico.

Às vezes, existe a transgressão momentânea, mas vem em seguida a tentação de voltar ao trilho (normose), voltar ao caminho conhecido, sem conflitos, pueril (útero). Sucumbimos e negligenciamos a peregrinação da alma.

Em outras ocasiões, há o sacrifício compulsório, mas a tentativa de recuperação é maior do que o sentimento de abrir mão. Em última instância, o Ego heroico não quer “perder” nada. Não quer trocar com a vida. Almeja o *status quo* anterior como forma de se preservar.

Existe uma dificuldade muito grande em enxergar que existe uma instância interna, que nos habita, que sabe qual o caminho que precisamos trilhar. Alguns chamam de inconsciente, *Self*, alma, psique etc. Seja qual for o nome, há uma resistência em se render a esse desconhecido que tenta, se esforça e busca resgatar uma vida com sentido, com significado, a missão, de estar a serviço de.

Na redenção está implícita a aceitação de que há a necessidade imperativa da transgressão e do sacrifício e todas as suas consequências, pois existe algo dentro de nós que rege todo esse processo.

Na vida de Cristo (mito cristão que atravessa o mundo ocidental) e na vida de Buda, podemos observar claramente esses três aspectos – transgressão, sacrifício e redenção – que emancipam a consciência e podem trazer sentido à existência.

Os aforismos “Torna-te quem tu és” (Píndaro) e “Conhece-te a ti mesmo” (Oráculo de Delfos) são convites para o mergulho nesse processo de individuação – transgredir, sacrificar e se render –, às vezes angustiante, perigoso, mas libertador.

Como o próprio C. G. Jung enfatizou, “Não há despertar de consciência sem dor. As pessoas farão de tudo, chegando aos limites do absurdo para evitar enfrentar a sua própria alma. Ninguém se torna iluminado por imaginar figuras de luz, mas sim por tornar consciente a escuridão.”

Para os pecados mundanos, as cortes humanas se incubem do julgamento; porém, com relação aos pecados que negligenciam a alma, somente os deuses – que lá habitam (na alma) - têm autoridade para arbitrar. E é a eles que havemos de responder.